

AUGUSTO COMTE E AS ORIGENS DO POSITIVISMO.

I

AUGUSTO COMTE E AS ORIGENS DA FILOSOFIA POSITIVA

A principal preocupação de Augusto Comte, desde os seus primeiros trabalhos, foi a de realizar uma reforma espiritual tão profunda que pudesse conduzir a uma verdadeira reorganização social e política. É necessário, porém, desde logo, distinguir nessa tentativa de reforma, como muito bem observa G. Cantecor, aspectos provisórios e elementos diversos. De fato, sob a denominação de positivismo devemos entender, ao menos, duas cousas diferentes. "Primeiramente, uma doutrina pessoal de Augusto Comte; mas ainda um pensamento geral de que o comtismo é apenas uma expressão e que a ultrapassa sob todos os sentidos. Tomado nesta última acepção, o nome de positivismo indica, ao mesmo tempo, uma disposição interior de espírito, um método de pesquisa científica e uma certa concepção da síntese filosófica. Como disposição de espírito, o positivismo traduz numa aversão pronunciada por tôda especulação que ultrapassa a experiência, um gôsto exclusivo pelo real e pelo útil que se vai juntar à convicção de que sòmente os objetos da observação, e particularmente os da observação sensível, merecem esta qualificação" (1). Adstrito à experiência, o positivismo é uma visão geral da natureza e do homem da qual é excluída a metafísica. O conteúdo da experiência e a determinação das leis que a regem, constituem o domínio de pesquisa da filosofia positiva.

Sòmente o conhecimento dos fatos é fecundo. Renunciando aos métodos *à priori*, o positivismo elimina da filosofia todos os problemas que comportam soluções transcendentales ou que requeiram outros métodos além daqueles que a ciência admite. Esta maneira de considerar a filosofia resulta da própria evolução das ciências. Nos séculos XVI e XVII o campo da observação humana se alargara. Tanto a concepção do mundo moral como a do mundo físico sofreram, a partir dêsse século, consideráveis modificações. Um grande número de fatos foi explicado, fatos êsses que

(1) — CANTECOR (G.) — Comte, pp. 9/10.

o passado não conhecera e que, nem talvez suspeitara. Os descobrimentos marítimos dos portugueses e dos espanhóis, revelaram ao velho mundo novos mundos; as novas contribuições que as ciências naturais trouxeram para o conhecimento do homem, determinariam uma ruptura decisiva com os velhos moldes culturais. Uma cultura nova, de base experimental e de tendência crítica repontara com o renascimento. Esta orientação nova, crítica e experimental do século XVI, sempre atenta à *continuada experiência*, desenvolver-se-ia principalmente no século XVII. “O método baconiano unido ao racionalismo cartesiano, escreve René Hubert, conquistou definitivamente o pensamento filosófico no decorrer das rudes batalhas travadas pelos Enciclopedistas — e pelos seus antecessores — durante o século XVIII, ao espírito religioso, sob duas formas: o dogmatismo de autoridade e o misticismo sentimental. A fecundidade da doutrina comtista está tôda na fusão destas duas tendências (...), na aplicação aos fatos descobertos pelos políticos, do método elaborado pelos físicos” (2). A inteligência, emancipada do império opressivo da metafísica que pretendia explicar o mundo por meio de entidades vagas, apenas reconhece, doravante, como regra fundamental “que tôda proposição que não é estritamente redutível à simples enunciação de um fato, particular ou geral, não nos pode oferecer sentido real e inteligível” (3). O que caracteriza a virilidade da nossa inteligência é a substituição da inacessível indagação das causas pela simples pesquisa e determinação das leis. É êste o traço fundamental da filosofia positiva.

O positivismo, porém, não inventou nem criou êsse novo espírito filosófico. Êle é fruto do desenvolvimento das ciências. O *novissimum organon* elaborado por Augusto Comte, visa descrever e sintetizar, num largo panorama, o estado geral das ciências no alvorecer do século XIX (4). O comtismo, porém, não se apresentaria apenas como uma síntese das ciências do início do século XIX. Destinada a servir de base a u’a moral e a uma política que estivessem de acôrdo com o grau de desenvolvimento das ciências, esta doutrina pretendia ainda alicerçar, no próprio poder que deriva da ciência, uma religião. Dêsse modo, como observa Cantecor, “limitar-se a expor a filosofia de Augusto Comte sem procurar examinar a parte política e religiosa de sua obra, não é apenas correr atrás de uma sombra, mas desconhecer o essencial de sua doutrina” (5). É mister, pois, que tentemos compreender o comtismo na sua totalidade, afim de apreendermos o sentido que esta doutrina apresenta na história das idéias do século XIX.

(2) — HUBERT (René). — *Auguste Comte*, p. 27.

(3) — COMTE (Auguste). — *Discours sur l'Esprit Positif*, pp. 12/13.

(4) — O emprêgo da palavra positivismo data da escola de Saint Simon, da qual fizera parte Comte. Littré indica vários trechos em que Saint Simon fez referência à atitude positiva. Cf. LITTRÉ, *Auguste Comte et la Philosophie Positive*, apud A. LALANDE, *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*, vol. II, p. 596.

(5) — CANTECOR (G.) — *ob. cit.*, p. 5.

A doutrina de Augusto Comte deriva também dos acontecimentos sociais, econômicos e políticos que sucederam à revolução de 1789. O próprio Comte confessa no seu *Testamento* que sua filosofia “emana da Revolução” (6).

Todos aqueles que participam de grandes comoções sociais ou políticas sentem-se tomados do desejo de encontrar base estável para a vida social e política. Augusto Comte não escapou, como outros contemporâneos seus, a êsse desejo. A *missão* de reformador social é aliás dominante na sua época, sobretudo entre os intelectuais. A originalidade de Augusto Comte consistiu em perceber, como aliás já entrevira Saint Simon, que era mister ultrapassar a fase meramente crítica em que haviam ficado muitos dêses reformadores intelectuais. Baseando-se na ciência, Augusto Comte tentará uma reforma mais ampla. Enquanto os cientistas prosseguiram na investigação dos fatos e leis da natureza, Comte procuraria ordenar as ciências num largo sistema e apresentar uma filosofia da história que pudesse servir de base a uma verdadeira *política científica* (7). Tendo gasto tôda a existência nesse trabalho, Comte apresentaria, numa época em que o destino dos sistemas já estava terminado, mais um *novo sistema* que seria logo ultrapassado pelo desenvolvimento da própria ciência e pelas condições sociais e políticas criadas pela revolução de 1789 (8). O seu mérito consiste, porém, em haver grandemente contribuído para que o pensamento filosófico se deslocasse, decisivamente, da mera especulação para a investigação dos fenômenos relativos à organização efetiva, real, da vida social.

*
* *

Se a consideração histórica é uma exigência decorrente da própria doutrina de Augusto Comte, ela se impõe precisamente no exame da história do seu pensamento e de sua obra. Examinaremos, dêste modo, embora rapidamente, o evolver de seu pensamento deste os primeiros *Opúsculos* até ao *Sistema de Política Positiva* que é, a aduela de fecho de sua grande obra.

É fácil perceber, desde os primeiros trabalhos de Augusto Comte, — os mais importantes, publicados de 1819 a 1826 — que

(6) — “Quoique réellement émanée de la révolution française, vous voyez qu'elle (a doutrina positivista) diffère profondément de toutes les écoles purement révolutionnaires” — in *Testament d'Auguste Comte*, p. 240 h.

(7) — Em carta a Valat, de 28 de setembro de 1819, assim escrevia Augusto Comte: “Mes travaux sont de deux sortes, scientifiques et politiques. (...) Je ferais très peu de cas des travaux scientifiques, si je ne pensais perpétuellement à leur utilité pour l'espèce; j'aimerais autant alors m'amuser à déchiffrer des logogryphes. J'ai une souveraine aversion pour les travaux scientifiques dont je n'aperçois pas clairement l'utilité, soit directe soit éloignée; (...) je t'avoue aussi que, malgré ma philanthropie, j'apporterais beaucoup moins d'ardeur aux travaux politiques, s'ils ne donnaient pas prise à l'intelligence, etc.”. cit. apud JEAN DEVOLVÉ, *Réflexions sur la pensée comtienne*, p. 9.

(8) — HUBERT (René). — *ob. cit.*, p. 28.

todos traem fortes preocupações políticas (9). No artigo, *Séparation générale entre les opinions et les Désirs*, de julho de 1819, escrito para o *Censur*, Augusto Comte já denunciava as tendências que desenvolveria ao longo de sua carreira de filósofo e de político teórico. Nesse trabalho, dizia êle: “É singular, como observou Condorcet, que os homens julguem ser um absurdo pretender saber física, astronomia, etc., sem haver estudado estas ciências e creiam, no entanto, que todos devem conhecer ciência política e possuir opiniões definidas sôbre os seus princípios mais abstractos, sem que seja necessário o trabalho de refletir e fazer dêles objeto especial de estudo” (10). Uma opinião política nunca deve, segundo Augusto Comte, expressar um desejo. Quando a política estiver constituída como ciência, o público deverá ter pelos publicistas que tratam dêsse assunto, a mesma confiança que tem pelos homens de ciência. Como se vê, já aí aparece a intenção de Augusto Comte de transformar a política numa ciência tão perfeita quanto as demais ciências exatas.

Na *Sommaire appréciation de l'ensemble du passé moderne* (1820), — Comte tinha então apenas 22 anos — e que é uma das peças principais de sua obra, delinea-se um dos problemas de considerável importância para a compreensão das conseqüências que decorrem da doutrina positivista. É nesse opúsculo que se esboça a diferenciação que Comte fará entre a *política teológica* e a *política científica*.

A política científica é, para Augusto Comte, um dos resultados da introdução, pelos árabes, das ciências positivas e da libertação das comunas. Um elemento intelectual e técnico, — e poderíamos acrescentar — um movimento social, determinam, na história, o início de uma revolução política de grande envergadura. No passado, dois poderes se defrontavam: o poder espiritual representado pelo Papa e pela teologia e o poder temporal, representado pelo senhor feudal. Nos nossos dias, a “capacidade industrial ou das artes e ofícios é o que deve substituir o poder feudal ou militar. Na época em que a guerra era e devia ser considerada como o próprio meio da prosperidade das nações, era natural que a direção dos negócios temporais da sociedade estivesse nas mãos do

(9) — Além dos trabalhos que se acham no *Appendice Général*, do *Système de Politique Positive*, os autores fazem referência a outros mais antigos. O mais remoto parece ser um, constituído simplesmente por uma série de notas e cujo título é: *Mes Réflexions*, de 1816. Nesse trabalho, Comte examinava, com espírito liberal, nota René Hubert, os acontecimentos políticos dos anos anteriores a 1816. Este trabalho acha-se publicado na *Revue Occidentale* (vol. 9, 1882). No seu *Essai sur la Philosophie Mathématique*, que é de 1819, Augusto Comte já acentuava a importância dos métodos objetivos para a constituição de uma teoria do conhecimento. “Suivre Comte du lycée de Montpellier au bureau de l'Industrie, escreve Henri Gouhier, c'est assister à la naissance de l'Univers qui deviendra positiviste. Cet univers a déjà ses drames et ses personnages, ses maudits et ses saints; il n'attend qu'un regard du philosophe pour envahir l'avenir”. H. GOUHIER, *La jeunesse d'Auguste Comte et la formation du positivisme*, vol. I, pp. 245/246. Cf. RENÉ HUBERT, *ob. cit.*, p. 88.

(10) — COMTE (A.) — *Système de Politique Positive*, Tol. IV, — *Séparation entre les opinions et les desirs*, in *Appendice Général*, pp. 1/2.

poder militar e que a indústria, classificada como subalterna, apenas fôsse considerada como instrumento. Ao contrário, quando as sociedades, enfim, se convenceram pela experiência, de que o único meio pelo qual elas podem adquirir riqueza consiste na atividade pacífica, isto é, nos trabalhos industriais, a direção dos negócios temporais deve naturalmente passar para a capacidade industrial” (11). A libertação das comunas liga-se ao declínio do jugo feudal. Do mesmo modo que a capacidade industrial substituiu a capacidade militar do senhor feudal, assim também, a “capacidade científica positiva deve substituir o poder espiritual. Na época em que todos os nossos conhecimentos eram essencialmente conjecturais e metafísicos, era natural que a direção da sociedade quanto aos negócios espirituais, estivesse nas mãos de um poder teológico” (12). Não é, porém, a *Sommaire Appréciation du Passé Moderne*, o único trabalho importante da mocidade de Augusto Comte.

O *Plan des Travaux Scientifiques pour réorganiser la société*, que Comte afirma haver publicado em maio de 1822 (13) e que é complemento da *Sommaire Appréciation du Passé Moderne* (julho de 1820), é ainda outro excelente índice da história do pensamento do filósofo.

Reorganizar a sociedade e reorganizá-la cientificamente é essa a “missão” do reformador. Discípulo de Saint-Simon, Comte, porém, trará para essa missão de reforma política da sociedade, qualidades científicas e filosóficas que o agitado Saint Simon não possuía.

Na *Sommaire Appréciation du Passé Moderne*, como dirá o próprio Comte, traça êle a sua *irrevogável* “diretriz filosófica e social” (14). É nessa obra que se delinea a sua descoberta fundamental das leis sociológicas (15). Aí o filósofo abandonará a posição crítica que até então assumira. (Para nós que procuramos interpretar o sentido do positivismo no Brasil, é de utilidade assinalar essa data: maio de 1822).

Comte passa desde então a uma posição *orgânica*, sistemática. A formulação da sua descoberta fundamental, a *lei dos três estados*, irá conduzi-lo para novo caminho. É mister não esquecer todavia que nesse momento Augusto Comte estava a viver na atmosfera de ascensão do chamado partido *ultra* (16). A burguesia entrara a

(11) — A. COMTE, *ob. cit.*, p. 6.

(12) — *Ibidem*.

(13) — Cf. H. GOUHELIN, *La Jeunesse d'Auguste Comte et la formation du Positivisme*, vol. I (*Sous le signe de la Héberté*) pp. 294/297.

(14) — COMTE (A.) — *Préface de l'Appendice Général*, in *Système de Politique*, p. III.

(15) — *Ibidem*.

(16) — A direita, unida ao centro possuía então, maioria na câmara francesa. Attingido o poder, começará ela por desfazer toda a obra dos constitucionais. Restabelecerá-se temporariamente a censura. O poder crescente dos *ultra* aumentava a influência política do clero. Um pedido ao rei, votado pela câmara, exprimia o desejo de se ver fortificada a autoridade da religião no espírito do povo, por um sistema de educação cristão e monárquico. Uma lei de fevereiro de 1820 atribuiu aos bispos o direito de vigilância sobre os colégios. A *Congrégation* transformou-se num agrupamento político em que tomavam parte bispos, deputados, altos funcionários; era ela que recomendava, seus protegidos para nomeação aos em-

sentir nessa época, a falta de uma organização social que não a submetesse ao arbítrio de um caudilho, de uma organização, enfim, que não a sujeitasse novamente às aventuras do absolutismo. Era êsse o desejo da burguesia francesa da época e a êsse desêjo corresponderia a filosofia política de Augusto Comte.

Desde 1789 o que dominara fôra o ímpeto revolucionário. Graças a êle, desagregara-se definitivamente o velho regime. Fôra isso, — di-lo-á o próprio Augusto Comte — necessário durante algum tempo, mas êsse espírito revolucionário também já perdera o seu sentido e tornara-se até causa de perturbações sérias, comprometedoras daquilo que Augusto Comte, assim como a burguesia do seu tempo, julgava constituir o verdadeiro destino da sociedade. Dêsse modo, logo na introdução do *Plan des Travaux Scientifiques*, escrevia o filósofo: “Um sistema social que se extingue, um novo sistema que chegou à inteira maturidade e que tende a se constituir, tal é o caráter fundamental assinalado à época atual pela marcha geral da civilização. Segundo êste estado de cousas, dois movimentos de natureza diferente agitam hoje a sociedade: um de *desorganização* e outro de *organização*. Pelo primeiro, considerado isoladamente, ela é impelida para uma profunda anarquia moral e política que parece ameaçá-la com uma próxima e inevitável dissolução. O segundo, mais conveniente à sua natureza, é aquêle em que todos os meios de prosperidade devem receber o seu mais inteiro desenvolvimento e a sua aplicação mais direta. É da co-existência destas duas tendências opostas que resulta a grande crise sentida pelas nações civilizadas. É sob êste duplo aspecto que ela deve ser considerada para poder ser compreendida” (17).

A ordem era uma necessidade, era a própria condição do progresso. No *Plan de Travaux Scientifiques* encontramos, em mais de um trecho, o pensamento que Comte irá desenvolver nos tomos IV e V do seu *Cours de Philosophie Positive* relativo a esta exigência *sociológica*.

Logo à entrada do volume IV, do *Cours*, encontramos a antinomia que se estabelece no comtismo e que êle procurará, talvez em vão, resolver. “A ordem e o progresso — escreve Augusto Comte, — que a antiguidade considerava como essencialmente inconciliáveis, constituem, cada vez mais, devido à natureza da civilização moderna, duas condições igualmente imperiosas cuja íntima e indissolúvel combinação caracteriza, doravante, a dificuldade fundamental e o principal recurso de todo verdadeiro sistema político. Nenhuma ordem real pode estabelecer-se e sobretudo durar, se ela não é plenamente compatível com o progresso; nenhum grande progresso poderá realizar-se efetivamente, se não tender finalmente para uma evidente consolidação da ordem (18). Um *espírito puramente crítico* não podia encontrar modo de conciliar êstes dois têrmos. A filosofia

pregos. Cf. CH. SEIGNOBOS, *Histoire Politique de l'Europe Contemporaine*, t. I, pp. 144/145.

(17) — COMTE (A.) — *Plan des Travaux Scientifiques*, in ob. cit., p. 47.

(18) — COMTE (A.) — *Cours de Philosophie Positive*, vol. IV, pp. 5/6. J. DEBILVAILLE, *Essai sur l'Histoire du Progrès jusqu'à la fin du XVIIIe siècle*.

crítica que estivera na base da reação contra o espírito teológico, era impotente para organizar uma sociedade e, infelizmente, — ajuntava Comte — é ainda êsse mesmo espírito crítico que se encontra nos “discursos dos seus partidários mais capazes e nos escritos que apresentam a sua mais metódica exposição” (19). O princípio que norteia essa doutrina é, sob o ponto de vista espiritual, o “*dogma da liberdade ilimitada de consciência*” (20). Ora, no domínio da ciência, não há liberdade de consciência. Seria, no entanto, absurdo não confiar nos princípios científicos que alguns homens competentes estabeleceram. Se no domínio das ciências as cousas se passam dêsse modo, é de estranhar que no domínio da política não se dê o mesmo. É mister, pois, criar um *sistema orgânico* que possibilite uma verdadeira convergência mental no domínio político como a que existe em relação aos fenômenos científicos da natureza. Com o objetivo de superar a crise que se abriu em virtude da luta estabelecida desde o século XVI entre o espírito retrógrado, representado pelo sistema teológico e o espírito crítico, é necessário portanto, que os povos da Europa Ocidental cooperem no estabelecimento de um novo sistema que seja orgânico, sistemático, pois somente um sistema orgânico, sistemático poderá fornecer *solução* a essa crise da história moderna.

Mas um novo sistema, como o que Comte deseja, só poderá estabelecer-se por uma força organizada e esta é a dos sábios. Sõmente êstes são capazes de formar uma coalisão, ativa e compacta, pois, os seus membros se entendem e se correspondem, com facilidade e de modo contínuo, de um a outro extremo da Europa. Sõmente os sábios têm idéias comuns, usam uma linguagem uniforme e possuem um objetivo ativo e permanente. Nenhuma outra classe possui essa imensa vantagem porque nenhuma outra realiza essas condições na sua integridade. Os industriais, embora dispostos pela natureza dos seus trabalhos e de seus hábitos a isso, deixam-se ainda dominar pelas inspirações hostis de um patriotismo selvagem para que seja possível estabelecer-se entre êles uma verdadeira combinação européia. É a ação dos sábios que está reservado produzi-la (21). Sõmente os sábios serão capazes de constituir o novo *poder espiritual* destinado a substituir o clero do sistema teológico tradicional. Só os sábios têm autoridade moral para isso. Só êles serão capazes de *eleva a política à altura das ciências de observação* (22).

Visão idealista e ingênua, ela reflete o entusiasmo do aluno da Escola Politécnica de Paris e o *clima* saint-simoniano da época. No *Plan des Travaux Scientifiques* encontram-se, no entanto, as linhas mestras da doutrina que Comte irá defender ao longo de sua

pp. 670, 687. Cf. ainda RENÉ HUBERT, *Histoire de la Notion de Progrès devant la Science actuelle*, pp. 17/21.

(19) — COMTE (A.), — *Plan des Travaux Scientifiques*, etc., p. 52.

(20) — *Ibidem*.

(21) — COMTE (A.), — *ob. cit.*, pp. 74/75.

(22) — COMTE (A.), — *ob. cit.*, p. 77.

carreira (23) e que, tão profundamente impressionou alguns dos nossos patrícios do século XIX.

As *Considérations Philosophiques sur les Sciences et les Savants* (1825), continuam, em grande parte o *Plan des Travaux Scientifiques*. Mas nesta obra, Comte é mais decisivo.

Do mesmo modo que possuímos “uma física celeste, uma física vegetal e uma física animal, temos necessidade — diz êle — de uma *física social*, afim de que o sistema dos nossos conhecimentos atuais possa ser completo. Esta condição, uma vez realizada, poderemos por meio de um resumo geral de tôdas as diversas noções, construir enfim uma verdadeira filosofia positiva, capaz de satisfazer tôdas as necessidades reais da nossa inteligência” (24).

Esta *física social*, — a futura *sociologia* —, que pela primeira vez aparece nos trabalhos de Comte, será a ciência que tem por objeto próprio os fenômenos sociais, considerados do mesmo modo que os fenômenos astronômicos, físicos e químicos. Comte, porém, não ousa ainda então caracterizar com maior minúcia a maneira pela qual deverão ser tratados êses fenômenos. “O espírito desta ciência, escrevia êle nas *Considérations Philosophiques sur les Sciences et les Savants*, consiste sobretudo em ver no estudo do passado a verdadeira aplicação do presente e a manifestação geral do futuro. Considerando sempre os fatos sociais, não como assuntos de admiração ou de crítica mas como assuntos de observação, ela (*a física social*) procura estabelecer as suas relações mútuas, apreender a influência exercida por cada um dêles no conjunto do desenvolvimento humano” (25).

*

* *

O advento de uma filosofia positiva de caráter científico — já o afirmava Comte nas *Considérations Philosophiques sur les Scien-*

(23) — No prefácio que escreveu para o apêndice do *Système de Politique Positive*, Comte assim se expressa: “Não se pode desconhecer a unidade de minha carreira vendo assim prometida, desde o início, a sistematização que sômente o presente tratado podia realizar”. Cf. prefácio ao *Appendice Général*, in *Système de Politique Positive*, t. IV.

(24) — COMTE (A.) — *Considérations Philosophiques sur les Sciences et les Savants*, in *Système de Politique Positive*, t. IV, appendice, p. 150.

(25) — COMTE (A.) — *ob. cit.*, pp. 150/151. — Augusto Comte indicaria nessa obra outras influências, — além da de Saint-Simon, — que se exerceram na elaboração e evolução de seu pensamento. Aparece aí citado com bastante simpatia — o que constitui importante sintoma — o nome de Joseph de Maistre, escritor político de tendência conservadora e que foi, na opinião de Comte, o filósofo do século XIX que mais sentiu a necessidade do advento do espírito científico no domínio das ciências sociais.

Neste opúsculo (*Considérations Philosophiques sur les Sciences et les Savants*), Comte cita os trabalhos de Kant e de Herder como precursores da atitude científica preconizada por êle em relação à política. A página 157 do *Appendice* que acompanha o *Système de Politique Positive*, Comte escreve: “En Allemagne, les travaux de Kant et de Herder sur la philosophie de l'histoire, et postérieurement la formation, parmi les jurisconsultes, d'une école qui conçoit la législation comme toujours déterminée nécessairement par l'état de la civilisation, manifestant, avec la même évidence, la tendance générale de notre siècle vers les doctrines positives en politique”. Em nota, nessa mesma página, ajunta ainda Augusto Comte: “Kant dans un petit ouvrage écrit en 1784 et dont, le titre même

ces et les Savants — dará uma nova ordem à sociedade. Essa nova filosofia impõe-se, é inevitável. No passado, as ciências foram as liberadoras do espírito humano da tutela da teologia e da metafísica. Serão elas ainda, no século XIX, que reorganizarão a sociedade com os métodos que deram resultados em outros setores da atividade intelectual. Elas constituirão no futuro, quando se encontrarem sistematizadas, “a base espiritual permanente da ordem social, enquanto durar sobre o globo a atividade de nossa espécie” (26). Somente essa filosofia positiva poderá fazer com que reine, nos espíritos e nas instituições, a perfeita coerência lógica. Esta será a consequência mais importante depois do advento da filosofia positiva. Comte, — escreve Lévy-Bruhl — “tirará à teologia e à metafísica a sua última razão de ser. Tornará possível a passagem da ciência positiva para uma filosofia igualmente positiva. Assim será realizada a unidade de entendimento e esta harmonia mental, terá como consequência a harmonia moral e religiosa da humanidade” (27). Será esse o sonho de Augusto Comte.

Um quinto opúsculo, publicado pela primeira vez no *Producteur*, intitula-se *Considération sur le Pouvoir Spirituel* (28). Augusto Comte examina aí a questão dos poderes espiritual e temporal. Unidos durante um largo período da história, esses poderes dividiram-se na Idade Média e essa divisão constituiu um grande progresso social. Não pode, no entanto, haver poder espiritual compatível com a filosofia crítica. Esta o destrói e, desse modo, dificulta o estabelecimento de uma nova ordem política (29). A filosofia crítica é, assim, incompatível com uma verdadeira organização e dela apenas resulta a desordem moral e a desordem política.

O problema do poder espiritual, como se vê, já muito antes do celebrado ano sem par, preocupava o espírito de Augusto Comte. No prefácio que juntou ao apêndice de seu *Sistema de Política Positiva*, Comte assim se expressa: “A minha tendência contínua para fundar um novo sacerdócio tornou-se, desde então (da publicação das *Considérations sur le pouvoir spirituel*, portanto, desde 1826), bastante sob o pretêxo de teocracia, e felicitações de parte da escola retrógrada, em nome da ordem. O contraste que este trabalho inspirava a dois escritores dignos de muito crédito (Benjamin Constant e La-

est remarquable (Introduction à une Histoire de l'Espèce Humaine) a formellement établi que les phénomènes sociaux doivent être regardés, comme aussi réductibles à des lois naturelles que tous les autres phénomènes de l'univers”. Cf. FRIESCHISEN-KOELLER e W. MOOG. in FRED UBERWIEGGS Grundriss der Geschichte der Philosophie (Die Philosophie der Neuzeit bis zum Ende des XVIII Jahrhunderts), vol. III, pp. 535/536. Cf. Kant, Filosofia de la Historia, trad. de E. Imaz.

(26) — COMTE (A.) — *Considérations Philosophiques sur les Sciences et les Savants*, in ob. cit., Appendice, p. 162.

(27) — LÉVY-BRUHL (L.) — *La Philosophie d'Auguste Comte*, p. 38.

(28) — Segundo informa H. GOUHIER (*La Jeunesse d'Auguste Comte et la formation du Positivisme*, vol. I), este trabalho foi publicado nos números 13, 20 e 21 do *Producteur*, de 24 de dezembro de 1825 e 11 e 18 de fevereiro de 1826.

(29) — COMTE (A.) — ob. cit., p. 181.

menais), indicava já a atitude normal do partido que eu institua contra aqueles dos quais êles eram os respectivos chefes” (30).

A veneração pelo catolicismo (que Comte considerava como partido retrógrado), é, não obstante, evidente no filósofo. Desde os seus primeiros trabalhos, sobretudo desde a *Sommaire Appréciation de l'ensemble du Passé Moderne* até as *Considérations sur le Pouvoir Spirituel*, a grandeza da organização da Igreja o atraia. Comte podia, escreve Charles de Rouvre, vangloriar-se de haver diminuído a Igreja na sua razão suprema que é Deus. Podia, de boa fé acreditar que era *emancipado* (31). “Os vivos são sempre e cada vez mais necessariamente governados pelos mortos: tal é a lei fundamental da ordem humana”, dirá Augusto Comte no *Catecismo* (32). O império desta lei irá também se exercer sobre o espírito do filósofo que desejava organizar a humanidade *sem Deus nem rei*. . . A tradição católica da família do filósofo, o temperamento sentimental do pensador, terão, no entanto, influência na formação da doutrina positivista.

Mas, apesar da grande simpatia que sempre demonstrou pela Igreja, Augusto Comte julgava que a filosofia teológica e o poder temporal que nela se fundamentavam não podiam e não deviam possuir, embora no mais perfeito estado que pudessem atingir, isto é, no catolicismo, o poderio que somente uma filosofia positiva pode lograr. É certo, diz êle, que foi graças a êsse poder espiritual da Igreja que a Europa medieval deveu “uma organização regular e permanente, capaz de manter habitualmente entre êles (os estados europeus da Cristandade), uma certa ordem voluntária e de lhes imprimir, quando as circunstâncias o exigiram, uma atividade coletiva, como na vasta e importante operação das cruzadas. Em uma palavra, pode-se contemplar então o que o Sr. de Maistre chama, com profunda justeza, o milagre da monarquia européia” (33). A desordem crítica que resulta do século XVI destruiu porém êsse mundo medieval, harmonioso e perfeito. Desde então as diversas potências européias entraram a se combater tendendo, assim, para a selvageria. Os reis fizeram gravar nos seus canhões a triste inscrição: *ultima ratio regis*. E o que se fez para substituir o antigo poder espiritual que mantinha a ordem medieval? Procurouse, diz Comte, encontrar no equilíbrio europeu um substitutivo para êsse poder, o que foi ridículo. E êsse equilíbrio a Revolução destruiu.

A indisciplina moral em que vive a sociedade moderna é devida, pois, à ausência de um poder espiritual. Dela decorre a *divulgação das inteligências* que nas massas torna impossível um acôrdo duradouro e real acêrca de qualquer questão social. Augusto Comte atribui, dêste modo, à ausência de um poder espiritual a de-

(30) — COMTE (A.), prefácio do *Appendice*, in *Système de Politique Positive*, t. IV, pp. III/IV.

(31) — ROUVRE (Charles de). — *Auguste Comte et le Catholicisme*, p. 37.

(32) — COMTE (A.) — *Catecismo Positivista*, trad. de M. Lemos, p. 74.

(33) — COMTE (A.), *ob. cit.*, p. 184.

sordem intelectual tão característica da filosofia crítica. Nesse mesmo anseio de *coerência lógica* Comte será levado, mais tarde, “da dogmática do filósofo à dogmática do Apóstolo” (34).

Mas, enquanto não se dá o advento de um novo poder espiritual organizado, êle deve ser confiado aos intelectuais, ou mais exatamente, aos cientistas. “Uma influência consultiva, direta ou indireta, em tôdas as operações sociais”, deve caber aos homens de ciência que, para êsse fim, se constituirão em verdadeiras corporações (35). Não é apenas êste ponto que nos lembra, no positivismo, a velha doutrina de Platão...

Os opúsculos que rapidamente acabamos de examinar delineiam as fases da doutrina de Augusto Comte. Em fevereiro de 1826 terminava o filósofo a publicação do seu trabalho, *Considérations sur le Pouvoir Spirituel*. No domingo, 2 de abril dêsse mesmo ano, abria Augusto Comte o seu curso sôbre a filosofia positiva. Já era, então bastante conhecido. Os seus opúsculos, o seu trabalho em colaboração com Saint-Simon já o haviam relacionado com os grupos intelectuais da época. Conquistara a aprovação da Academia das Ciências, recebera elogios de Humboldt, de Poinset, de Guizot e de outros sábios e políticos de seu tempo. No estrangeiro, Bucholz, professor de história em Berlim, declarava ter encontrado nas obras de Comte, idéias que o preocupavam já há vinte e quatro anos e Hegel fazia o seu elogio a Gustavo d'Eichtal. Mas, as maiores simpatias lhe vinham de dois homens que eram então célebres, Laménais e Blainville. O padre Laménais compreendia todo o alcance social do positivismo. Impressionara-se com a idéia de Comte acêrca da constituição de um poder espiritual distinto do poder civil e necessário à vida de uma sociedade (36). Laménais esperava aliás, converter Comte à causa do catolicismo e dêle dizia: “C'est une belle âme qui ne sait où se prendre...” (37). É curioso verificar estas simpatias em pensadores de tendências tão diversas... É que, todos êstes reformadores sociais do período que entremeia os anos de 1815 a 1848, “concebem e escrevem suas obras como verdadeiros românticos. Todos possuem uma sentimentalidade exaltada, como Saint-Simon e Pierre Leroux ou uma excessiva imaginação, como Fourier” (38). O liberalismo é a mola principal do romantismo, que se unê “à reivindicação da justiça e apoia-se sôbre o progresso tão característico do pensamento social da escola romântica” (39).

*
* *
*

(34) — ROUVRE, (Charles de) — *ob. cit.*, p. 56.

(35) — Nota 1, em *Considérations sur le Pouvoir Spirituel*, in *Système de Politique Positive*, p. 195.

(36) — DUMAS (Georges) — *Psychologie de Deux Messies Positivistes*, p. 127.

(37) — Apud GEORGES DUMAS, *ob. cit.*, p. 128.

(38) — PICARD (Roger) — *Le Romantisme Social*, p. 290.

(39) — PICARD (Roger) — *ib. cit.*, p. 69.

Augusto Comte iniciaria, sob um signo que parecia dos mais favoráveis a sua carreira. Embora emocionado diante do auditório que ocorrera ao anúncio das suas conferências sobre a filosofia positiva — e ali estavam sábios como Blainville e Humboldt — êle dissertara com tôda segurança na primeira conferência do curso que tratava do *espírito do positivismo* e da importância da nova filosofia. Era o sucesso que começava a se fazer sentir.

Quando porém, os seus ouvintes voltaram, em 12 de abril, para a quarta conferência, encontraram a porta fechada. Comte fôra acometido de um ataque de loucura, cujas causas, diz Dumas, eram “devidas a excessos intelectuais; a sua razão perdera-se numa crise que o trabalho dos dois últimos meses preparara. Havia, entretanto, outras causas às quais Littré, embora informado, não quis dar fé ou que êle talvez preferisse não dizer por amizade a Madame Comte” (40). Madame Comte, a famosa Caroline Massin, abandonara Comte para viver com o saint-simoniano Cercler... (41).

*
* *
*

Em agosto de 1828 Augusto Comte, reata a sua carreira filosófica com um artigo, sintomaticamente destinado a indicar que superara o seu estado mental: o exame do tratado de Broussais sobre

(40) — DUMAS (Georges) — *ob. cit.*, p. 134. Cf. J. LONCHAMPT, *Epítome da Vida e dos Escritos de Augusto Comte*, trad. de M. Lemos, pp. 59 e 217.

(41) — “Augusto Comte esgotado pelo trabalho, superexcitado pelo parto da nova filosofia, não pudera suportar os golpes violentos do desgosto. De um conhecimento do acaso, por degraus insensíveis, passara a vida em comum e finalmente ao casamento, com o unico fito, de fixar a sua existência e de assegurar a calma necessária à sua missão. Nunca, um só instante cogitara na audaciosa temeridade com que jogara a sua felicidade; na convicção de que o filósofo deve realizar, em sua vida privada, o estado moral mais elevado da época e do país em que vive, havia-se casado com a única mulher que êle conhecia, afim de colocar-se dentro da moralidade comum. Feito o que, com a consciência de ter cumprido um grande dever, o jovem pensador, retomou as suas meditações. A sua mulher, por hábito ou por grande precisão de dinheiro, se havia dirigido àquêle dos seus ex-amantes que assistira ao seu casamento: ela escreveu-lhe e aventurou-se mesmo a visitá-lo. Violava ela por êste modo um juramento solene: porque o jovem Comte, erguendo-a publicamente à categoria de sua esposa, tinha-lhe imposto a condição de renunciar absolutamente a toda e qualquer relação, mesmo epistolar, com êsse moço. Caroline Massin aceitara esta condição e jurara observá-la. Ao descobrir essa traição, a alma de Augusto Comte afogou-se no fel. Pois que! êle que generosamente havia libertado essa mulher da escravidão do vício, que a levantara da abjeção para dar-lhe um lar, um futuro, um nome; que ela lhe prefere um homem cujo amor nem sequer conseguiu salvá-la para sempre das galerias de madeira. Ao pensar isto, os agulhões do ciúme atravessam-lhe o coração: sente-se menosprezado, atraído por causa de outro. Entretanto, foi só o receio de ver essa mulher voltar à sua primeira miséria que lhe inspirou a resolução de casar-se com ela, arrostando seu pai, lançando sua mãe ao desespero: é por causa dela, para proporcionar-lhe abastança, que êle dá ligação sobre ligação, tempo precioso roubado aos seus trabalhos e à sua glória; e essa mulher reserva a sua confiança e o seu amor para um homem que diz amá-la e que abandonou a outrém o cuidado de sua existência! Com a cabeça em fogo, o jovem Comte sai à rua; respira a custo, caminha com precipitação para abafar os seus desesperados pensamentos. Prossegue ao acaso, passa diante da porta de Laménais com quem entretinha relações; entra. O célebre es-

a *Irritação*, publicado no *Journal de Paris* (42). Em 4 de janeiro de 1829, Comte reabriria o curso de filosofia positiva que interrompera três anos antes. Iria completá-lo diante dos mesmos homens de ciência que já o haviam ouvido anteriormente. Aos cursos compareceriam também, talvez por curiosidade profissional, Broussais e Esquirol. Cercler também aí comparecia... (43).

“A filosofia destina-se, no pensamento de Comte, a servir de base à moral, à política e à religião. Ela não é um fim em si, mas um meio para chegar a um fim, que não podia ser atingido de outro modo. Se Comte acreditasse possível reorganizar a sociedade sem reorganizar os costumes, e reorganizar os costumes sem reorganizar antes as crenças, não teria talvez composto os seis volumes do *Curso de Filosofia Positiva*, que o ocuparam de 1830 a 1842; teria ido direito ao que era de interesse supremo” (44).

Já tivemos ocasião de dizer que Comte frequentemente se refere à necessidade de estabelecer uma física social cuja finalidade será a de fundamentar, ao mesmo tempo, uma filosofia positiva, isto é uma concepção geral do mundo e do homem que apresente os mesmos característicos de coerência lógica, de exatidão, de certeza que apresentam as ciências. A *necessidade* premente de uma *opinião comum* e de uma *harmonia de atividade humana* (45), tal é o objetivo que êle persegue com verdadeira ansiedade. Se o tempo apresentava a lamentável paisagem de anarquia a que Comte repetidamente se refere, verdade era que nem sempre assim fôra. Houve

critor achava-se em companhia do Padre Gerbert; ao ver os dois sacerdotes, Augusto Comte ajoelha-se; sem hesitar, descobre-lhes, sob o sigilo da confissão, o drama interior terminado pelo seu odioso casamento. Desvenda-lhes o fatal segredo que deve salvar a honra de seu nome; expõe-lhes as razões temerárias, mas nobres, que o impeliram a arrostar tudo e a calcar aos pés os preconceitos mais santos; patenteia-lhes toda a negrura da traição, toda a profundidade das feridas que sangram no seu coração. A narrativa das suas dores como que as suavisa, e êle derrama uma torrente de lágrimas no seio de seus piedosos confidentes. Quando saiu, o vasto cérebro que assimilara o conjunto dos pensamentos humanos e que os continha classificados, ordenados à luz de um admirável sistema, abismou-se de súbito nas trevas do mais sombrio caos. E o moço de vinte e oito anos que, três dias antes, cativava ainda a atenção das mais fortes cabeças do século XIX, era detido a 18 de abril de 1826, em Montmorancy, furioso, espumante, com os olhos chamejantes; amarrado por uns gendarmes, era nessa mesma noite conduzido delirante, pelo seu amigo Blainville, para uma casa de loucos” — apud J. LONCHAMPT, *Építome da Vida e dos Escritos de Augusto Comte*, trad. e anot. por Miguel Lemos, pp. 56/59.

(42) — COMTE (A.) — *Appendice Général in Système de Politique Positive*, p. 217. Este trabalho foi o último que Augusto Comte escreveu para a imprensa periódica.

(43) — GOUHIER (H.) — *ob. cit.*, p. 168.

(44) — LEVY-BRUHL (L.) — *La Philosophie d'Auguste Comte*, p. 25.

(45) — “Après les vingt-cinq années de bouleversement politique, social et moral de la Révolution et de l'Empire, la France, — escreve Roger Picard — cherchait à se ressaisir, et procédait à une vaste révision de ses idées et des ses sentiments. Au début de sa carrière, Bonaparte aimait à parler de son *système de fusion*, au nom duquel il aurait voulu pouvoir gouverner *toutes les Frances* de son temps. Il l'y parvint pas, mais son rêve fut repris par les poètes et les penseurs de l'époque romantique. C'est à qui, parmi ces derniers cherchait à faire l'unité des esprits dans le pays et même — c'était l'ambition de Saint-Simon et de Comte — dans l'humanité toute entière”. ROGER PICARD, *ob.cit.*, p. 79.

tempo em que a unidade e a universalidade reinaram na inteligência e na atividade dos homens. A Igreja fôra, na Idade Média, a organizadora da inteligência e da ação. A concordância das opiniões e a homogeneidade das vontades do sistema teológico entrara, porém, em declínio desde o século XVI, com o advento da filosofia crítica. Esta representara um grande papel na destruição do velho sistema teológico mas já não correspondia, no século XIX, às condições históricas da sociedade moderna. A filosofia crítica, que auxiliara a liquidação do velho sistema era agora a causadora da anarquia em que essa sociedade se debatia. A sua inadequação com as condições históricas tornava-a responsável por êsse estado de cousas. Era mister estabelecer uma filosofia que correspondesse às necessidades reais da época e nela encontrar as razões necessárias a uma nova norma de ação. A filosofia positiva era a solução que se apresentara para resolver essa situação, depois do desenvolvimento que as ciências tiveram a partir do século XVI.

No preâmbulo geral do *Discours Préliminaire sur l'Ensemble du Positivisme*, Comte assim se expressava: "o positivismo compõem-se essencialmente de uma filosofia e de uma política, que são necessariamente inseparáveis, uma constituindo a base e a outra o fim de um mesmo sistema universal, no qual a inteligência e a socialidade se acham intimamente combinadas. De um lado com efeito, a ciência social não é somente a mais importante de tôdas; ela fornece, principalmente o único liame, ao mesmo tempo lógico e científico que comporta doravante o conjunto das nossas contemporanças reais. Ora, esta ciência final, mais do que qualquer outra das ciências preliminares, não pode desenvolver o seu verdadeiro caráter sem uma exata harmonia geral com a arte correspondente. Todavia, em virtude de uma coincidência que nada tem de fortuita, a sua fundamentação teórica encontra logo um imenso destino prático para presidir hoje à *inteira regeneração* da Europa Ocidental" (46).

O *Discurso* é de 1848. Nele encontramos a mesma inspiração dos *Opúsculos*. Entretanto, o tom já é outro, muito mais seguro; já aí encontramos o tom sacerdotal. Sem prematurar, no entanto, o que ainda teremos ocasião de examinar, desejamos desde já assinalar as últimas palavras da citação que acabamos de fazer. Nelas encontramos uma idéia que vai ter um curioso destino na filosofia de Comte: a de *regeneração*. Vejamos antes porém, o sentido do *Cours de Philosophie Positive*, as perspectivas da doutrina que ali se delineaia.

*

* * *

Para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável examinar a mar-

(46) — COMTE (A.) — *Discours Préliminaire sur l'Ensemble du Positivisme*, in *Système de Politique Positive*, vol. I, p. 2.

cha progressiva do espírito humano, considerado no seu conjunto, pois que, concepção alguma pode ser bem conhecida a não ser — diz logo de início Augusto Comte — pela sua história (47). Nesta marcha progressiva da inteligência humana, acredita o filósofo descobrir uma “grande lei fundamental à qual (êste desenvolvimento) é submetido com invariável necessidade” (48). Tôdas as nossas principais concepções, cada ramo dos nossos conhecimentos, passa, sucessivamente, por três estados teóricos diferentes: o estado *teológico*, o estado *metafísico* e o estado *positivo* ou científico. A inteligência emprega, no evolver histórico, nas suas indagações, três métodos de filosofar, cujo caráter “é essencialmente diferente e até radicalmente oposto” (49). O primeiro método constitui o ponto de partida necessário de toda inteligência; o terceiro o seu método definitivo e o segundo serve unicamente de transição entre o primeiro e o último. Esta lei domina inteiramente, como se verá, a filosofia e a política positivas.

No estado teológico, — estado natural e primitivo da inteligência humana — os fenômenos explicam-se pela intervenção arbitrária de agentes sobrenaturais que dão conta de tôdas as anomalias do universo. No estado metafísico, fôrças abstratas ou como diz Comte, “abstrações personificadas”, tomam o lugar dos agentes sobrenaturais na explicação da experiência humana. No estado positivo, a inteligência do homem, “reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia à procura da origem e do destino do universo e ao conhecimento das causas íntimas dos fenômenos para preocupar-se exclusivamente com o descobrimento, pelo uso combinado do raciocínio e da observação, das leis efetivas, isto é, das relações invariáveis de sucessão e semelhança” (50) que ligam os fenômenos. Antes de ser, pois, uma política, o positivismo procura constituir-se como teoria da ciência.

Mas que é uma ciência? — indaga Augusto Comte. É o produto das nossas necessidades. As primitivas necessidades humanas, a caça, a pesca e o desejo de evitar a dor e a morte, constituíram os motivos que levaram a inteligência humana a despertar para a ciência. Já no estado teológico o homem percebe certos caracteres gerais dos fenômenos naturais, como por exemplo, a sua regularidade. A ciência nasceu, assim de grosseiras observações. Os conhecimentos humanos têm uma origem humilde. Uma observação ainda tosca e uma imaginação fantasiosa, são os primeiros traços da ciência. Não obstante isso, a necessidade e a prática, já fornecem ao homem um esboço do conhecimento positivo.

A ciência é, assim, um simples prolongamento do bom senso, da “razão pública”, da sabedoria universal (51). É desta *sabedoria*.

(47) — Cf. A. COMTE, *Cours de Philosophie Positive*, vol. I, p. 2.

(48) — COMTE (A.) — *ob. cit.*, *loc. cit.*

(49) — *Ibidem*.

(50) — *Ibidem*.

(51) — COMTE (A.) — *ob. cit.*, vol. VI, p. 552 e LÉVY-BRÜHL, *La Philosophie d'Auguste Comte*, p. 68.

universal, desta *razão pública*, de caráter prático que vai derivar o método positivo. “Com efeito, quando se trata não apenas de saber o que é o método positivo mas dêle ter um conhecimento bastante nítido e profundo para dêle fazer uso efetivo, é na ação que o devemos considerar” (52). Não é possível estudar o método separadamente das pesquisas em que êle é empregado. Se assim procedêssemos teríamos um estudo morto, “incapaz de fecundar o espírito que a êle se dedica” (53). Para chegarmos a uma concepção do método positivo é necessário, pois, um exame filosófico das ciências. “Quando uma vez se estabeleceu, como tese lógica, que todos os nossos conhecimentos são fundamentados na observação, que devemos proceder tanto dos fatos para os princípios como dos princípios para os fatos e de outros aforismos semelhantes, conhece-se muito menos nitidamente o método do que qualquer pessoa que estudou, de u’a maneira um pouco aprofundada, uma só ciência positiva, mesmo sem intenção filosófica. Foi por haver desconhecido êste fato essencial que os nossos psicólogos foram conduzidos a tomar os seus sonhos como ciência, acreditando compreender o método positivo por haverem lido os preceitos de Bacon ou o discurso de Descartes” (54). As relações que se estabelecem entre os fatos e a maneira pela qual outros fatos podem ser previstos, afim de dirigir a ação do homem, — tal é o objetivo da ciência. “Mas a razão teórica, o sentido e o gôsto de noções claras e sistematizadas também se exprimem pela tendência de coordenar, de generalizar as leis. Existe, dêsse modo, ao mesmo tempo, na verdadeira ciência, positividade e racionalidade. Ela é positiva porque são exclusivamente os fatos o seu domínio e fundamento. Ela é racional porque tem por objetivo e substância, as relações abstratas e inteligíveis dos fenômenos” (55).

A ciência é, além disso, “obra coletiva da humanidade. Visa o objeto comum a todos: a realidade. Emprega o método comum a todos: o método positivo. Tôdas as inteligências especulam do mesmo modo sôbre um mesmo fundo. É o que Comte chama “a profunda identidade mental dos sábios com a massa ativa” (56).

A evolução da inteligência explica-se, assim, na filosofia de Comte graças a razões que são, ao mesmo tempo históricas e lógicas. São essas razões que nos permitem compreender, ao mesmo tempo, a ordem de aparição, ou mais exatamente, a ordem de instituição das diferentes ciências (57). O *Curso de Filosofia Positiva* corresponde a essas razões históricas e lógicas e prepara ao mesmo tempo um aspecto mais elevado da especulação, como é o da ciên-

(52) — COMTE (A.) — *ob. cit.*, vol. I, p. 21.

(53) — *Ibidem*.

(54) — *Ibidem*.

(55) — CANTECOR (G.) — *Comte*, p. 92.

(56) — LÉVY-BRUHL (L.) — *Ob. cit.*, p. 71.

(57) — HUBERT (René) — *Comte*, p. 39.

cia social (58). A história nos mostra ainda que as ciências formaram-se numa ordem cujo critério consiste em partir do simples para o complexo. Os fenômenos mais simples condicionam os mais complicados e foi numa ordem crescente de complexidade dos objetos que as ciências foram estudadas. Primeiramente formaram-se as matemáticas; a seguir, a astronomia, a física, a química e a biologia. Finalmente, no quadro das ciências de Comte, aparece a sociologia. São êstes os seis elementos essenciais do vasto conjunto da filosofia positiva.

Não nos interessa, examinar aqui os diferentes aspectos de cada uma dessas ciências fundamentais. É suficiente para o resultado que visamos, salientar, como aliás fez Gaston Milhaud, que nesse vasto conjunto que é a filosofia das ciências de Augusto Comte é facilmente perceptível como princípio dominador, a *idéia de ordem* (59).

Esta noção de *ordem* se identifica, já no domínio da ciência, com a noção de *síntese*, opondo-se, como diz Milhaud, à preocupação das idéias claras da tradição cartesiana. É mister que acentuemos êste traço da filosofia de Augusto Comte, porque êle percorre tôda a sua obra e reaparece, mais claro e mais vivo, nas consequências políticas de sua filosofia.

A síntese filosófica, diríamos talvez melhor com Gaston Milhaud, a *ordem filosófica* deveria fornecer, na opinião de Comte, a base de uma certeza dogmática e marcar com um caráter *irrecusável*, como êle costuma dizer, as leis essenciais segundo as quais a sociologia serviria para definir para todos os espíritos razoáveis, as vias da ação humana” (60).

É a sociologia que fornece a Comte os *princípios* de sua filosofia (61). A sociologia subordinam-se tôdas as ciências. É certo, porém, que, quer pelo seu método como pelo seu objeto, a sociologia não se afasta das demais ciências. Ela estuda os fenômenos da vida social como a biologia estuda os fenômenos da vida biológica. Mas difere das demais ciências porque necessita ser construída. É certo também que Platão, Aristóteles, Montesquieu,

(58) — COMTE (A.) — *Cours de Philosophie Positive*, vol. VI, p. 386. Ao abrir a 58.ª lição, escreveu Augusto Comte: “L’élaboration fondamentale que j’ai, le premier, osé entreprendre, se trouvant enfin suffisamment accomplie, même dans sa partie la plus nouvelle, la plus importante et la plus difficile, il faut désormais envisager la succession hiérarchique des six éléments essentiels qui ont dû composer le vaste ensemble, depuis les plus simples spéculations mathématiques, jusqu’aux plus hautes conceptions sociales, comme ayant été surtout destinées à élever graduellement notre intelligence au point définitif de la philosophie positive.”

(59) — Cf. GASTON MILHAUD. — *L’Idée d’ordre chez Auguste Comte*, artigo in *Revue de Métaphysique et de Morale*, 1901, pp. 385/406. Tivemos ocasião de lêr êsse interessante artigo de Gaston Milhaud — que havíamos procurado inutilmente aqui — na riquíssima Biblioteca do Congresso de Washington. Aqui agradecemos a Lewis Hanke, da Fundação Hispânica, pela gentileza da fotocópia que nos forneceu desse artigo.

(60) — DELVOLVE (Jean). — *Réflexions sur la pensée comtienne*, p. 75.

(61) — Cf. COMTE, *Système de Politique Positive*, t. IV, pp. 150.

Condorcet, Turgot foram precursores dessa nova ciência. Mas a uns faltou o conhecimento exato e a idéia clara do sentido da história. Condorcet, principalmente, aproximou-se mais do que deveria constituir uma sociologia: “Compreendeu admiravelmente que a evolução da espécie humana, considerada como um ser único, era submetida a leis. Pôs em plena luz a idéia de progresso. Mas a sociologia positiva não nasceu com êle. Êle partilhou dos preconceitos de seu tempo, em relação à perfectibilidade indefinida do homem; êstes preconceitos só desapareceriam diante da ciência positiva do homem intelectual e moral” (62).

A sociologia para Comte tem assim, por objeto, os fenômenos que os homens apresentam quando reunidos em sociedade. Se é certo que “os fenômenos mais nobres estão por tôda a parte subordinados aos mais grosseiros” (63), se “desde a ordem material até a ordem moral, cada ordem se superpõe à precedente” (64), não menos certo é que os fenômenos sociais são submetidos às leis gerais da vida orgânica. Mas o fato social, constitui, porém, na sua complexidade, um domínio inteiramente novo e capaz de constituir uma nova disciplina científica. Grande erro foi julgar que a êsse domínio novo era possível aplicar os métodos usados para a matemática e não menor erro foi a redução dessa nova disciplina científica a um ramo da economia política (65). Em tôda ciência, o método está ligado à doutrina. Quando as mais justas noções se isolam da sua aplicação prática, elas se transformam em generalidades sem valor. Mais uma ciência é complexa, menos é possível separar-se o método da doutrina. Em sociologia isto é muito importante (66). Uma dupla condição, necessária à sociologia exigida por Augusto Comte é, como êle diz na 47.^a lição do *Curso de Filosofia Positiva*, que a sociologia seja considerada como uma ciência natural. A sociologia, como as demais ciências subordina o seu progresso a um aperfeiçoamento da observação e se submete também ao caráter relativista que é inseparável das leis naturais. Não há nenhuma heterogeneidade de natureza entre a vida animal e a vida humana. Instinto e inteligência não apresentam nenhuma oposição. A sociologia está, dêste modo, na dependência da biologia. Os fatos sociais, porém, têm uma *especificidade* própria e a “fundação da sociologia, — escreve Augusto Comte — tende diretamente a aumentar o conjunto de nossos principais meios de especulação, aí introduzindo como último elemento essencial, êste modo de exploração que assinaei sob o nome de *método histórico* propriamente dito que, após um uso conveniente, constituirá, real-

(62) — LÉVY-BRUHL (L.) — *La Philosophie d'Auguste Comte*, p. 268. Cf. A. COMTE, *Cours de Philosophie Positive*, pp. 118 e segs.

(63) — COMTE (A.) — *Catecismo Positivista*, p. 209.

(64) — *Ibidem*.

(65) — HUBERT (R.) — *Comte*, p. 49. Cf. A. COMTE, *Cours de Philosophie Positive*, IV, lições 47.^a, 48.^a e 49.^a, pp. 118/248.

(66) — COMTE (A.) — *Cours de Philosophie Positive*, vol. IV, lição 48.^a.

mente mais tarde um quarto modo fundamental de observação" (67).

Sem história não há, pois para Augusto Comte, sociologia. "O método histórico está, assim, destinado a dominar doravante o uso sistemático de todos os outros métodos científicos, a lhes dar uma plenitude de racionalidade que ainda lhes falta essencialmente e a transportar, tanto quanto possível, ao conjunto, esta progressão sãbiamente ordenada que não existe hoje senão para os detalhes" (68). Para que a história possa, no entanto, ser verdadeiramente útil, é mister que ela se subordine às condições filosóficas que o verdadeiro espírito científico impõe. É mister, sobretudo, que nunca se considere "o conjunto do desenvolvimento próprio de cada ciência, isoladamente da progressão total do espírito humano, nem mesmo da evolução fundamental da humanidade" (69). A *física social* ou sociologia caberá assim presidir à aplicação gradual desse método (70). A sociologia, deste modo, além dos métodos que as outras ciências empregam, possui outros que lhe são próprios. É ela, até, graças à sua qualidade de ciência final, a que possui o método científico na sua totalidade. "Como o método apenas se aprende pela prática, o sociólogo deverá ter uma educação científica completa, desde as matemáticas, que lhe darão o sentimento da positividade, até a biologia que lhe ensinará o método comparativo.

O *Curso de Filosofia Positiva* retraça precisamente esta ascensão metódica que conduziu o espírito humano, por degraus sucessivos, até a ciência social" (71). A sociologia não pode, pois, prescindir da história. Mas, "tôdas as obras históricas escritas até hoje, dizia Comte em 1822, até as mais recomendáveis, tiveram e não podiam deixar de ter necessariamente, apenas o caráter de anais, isto é, de descrição e de disposição cronológica de uma certa

(67) — COMTE (A.), ob. cit., p. 277.

(68) — COMTE (A.), ob. cit., p. 278.

(69) — COMTE (A.), ob. cit., p. 279.

(70) — Em nota ao pé da página 279, do vol. IV, do *Cours de Philosophie Positive*, Augusto Comte escrevia: "J'ai exposé d'avance dans le second volume de ce Traité, un exemple caractéristique de l'utilité scientifique de cette méthode historique en établissant, surtout d'après elle, la théorie positive des hypothèses vraiment rationnelles en philosophie naturelle et principalement en physique. Plus on méditera sur ce grand sujet, mieux on sentira, en principe, que la véritable philosophie de chaque science, est nécessairement inséparable de son histoire réelle, c'est à dire d'une exacte appréciation générale de la filiation effective de l'ensemble de ses progrès principaux. La similitude essentielle qui doit inévitablement régner entre la marche intellectuelle de l'individu et celle de l'espèce indique évidemment qu'on ne saurait convenablement saisir la coordination pleinement rationnelle des diverses conceptions scientifiques, si l'on n'est point guidé par la vraie théorie de leur enchaînement historique, que la physique sociale peut seule réellement fournir à chaque science spéciale. C'est ainsi que l'institution de cette dernière science fondamentale doit sembler directement indispensable à l'entier développement systématique de toutes les autres. On voit aussi par là quelle extension capitale notre nouvelle philosophie politique procure spontanément à l'influence nécessaire de l'histoire dans l'ensemble des spéculations humaines..."

(71) — Cf. L. LEVY-BRUHL, ob. cit., p. 276.

série de fatos particulares, mais ou menos importantes ou mais ou menos exatos, mas sempre isolados. Sem dúvida, as considerações relativas à coordenação e à filiação dos fenômenos políticos aí não foram inteiramente negligenciadas, sobretudo desde há meio século. Mas é claro que esta mistura não conseguiu ainda difundir o caráter dêste gênero de composição, que não cessou de ser literário” (72).

Não existia ainda, em sua época, segundo Comte, uma *história verdadeira*. É certo que não é possível escrever história sem consultar os anais e a cronologia das nações e dos povos, mas, os anais não constituem a história, assim como as coleções de observações meteorológicas não constituem a física (73). Uma história científica teria por objeto a “pesquisa das leis que presidem ao desenvolvimento social da espécie humana” (74); deveria ter por finalidade determinar, comparativamente, os movimentos das diferentes classes de fenômenos sociais no decorrer da história da civilização. O método histórico de Augusto Comte “repousa sobre o postulado que Comte apresentou como base de sua sociologia. Este postulado, que é paradoxal, assim se enuncia: *a natureza do homem evolue sem se transformar*. As diversas faculdades físicas, morais e intelectuais devem ser sempre as mesmas em todos os degraus da evolução histórica, e sempre ordenadas entre si. O desenvolvimento que elas recebem no estado social nunca pode alterar a sua natureza, nem, por conseguinte, destruir ou criar nenhuma, nem mesmo inverter a sua ordem de importância” (75).

*
* *
*

História e sociologia preparam a política. É a política que nos vai dar, agora, um novo e importante aspecto de pensamento de Augusto Comte.

J. CRUZ COSTA
Professor da Cadeira de Filosofia
(U.S.P.).

(Continua no próximo número)

(72) — COMTE (A.) — *Plan des Travaux Scientifiques nécessaires pour réorganiser la Société*, in *Système de Politique Positive*, vol. IV, Appendice, p. 134.

(73) — COMTE (A.) — Nota 1, in *Système de Politique Positive*, vol. IV, Appendice, p. 134.

(74) — *Ibidem*.

(75) — LEVY-BRUHL (L.) — *ob. cit.*, p. 284.